

O turismo em Ouro Preto - Minas Gerais, Brasil - na perspectiva dos moradores

Tourism in Ouro Preto - Minas Gerais, Brazil - from the perspective of residents

Simone Fernandes Machado (MACHADO, S. F.)^{*}
Kerley dos Santos Alves (ALVES, K. dos S.)^{**}

RESUMO – Este trabalho objetivou conhecer a percepção dos moradores da cidade de Ouro Preto - Minas Gerais, Brasil, acerca da conversão de seu lugar de morada em destino turístico. Teve como ponto de referência o Centro Histórico do município de Ouro Preto, o qual possui 12 distritos, além da sede, e foi palco de vários acontecimentos que marcaram a história brasileira, atraindo a preferência dos turistas - nacionais e internacionais - que buscam conhecer a história, a cultura e a religiosidade mineiras. A metodologia da pesquisa envolveu entrevista direta, aleatória, por conveniência, e aplicação de 100 questionários junto a moradores em bairros localizados no entorno da Praça Tiradentes, local onde estão localizados os atrativos turísticos que apresentam maior fluxo de visitação em Ouro Preto, tais como o Museu da Inconfidência, o Museu do Oratório e o Museu da Escola de Minas, visando, assim, avaliar os impactos resultantes da atividade turística na perspectiva dos moradores e o nível de aceitação dos mesmos quanto à presença dos turistas. Nos resultados, verificou-se que há boa aceitação dos turistas por parte dos moradores; porém, constatou-se a ausência de planejamento adequado que promova o desenvolvimento de medidas que amenizem os impactos negativos causados pela visitação turística em 2012.

Palavras-chave: Turismo; Ordenamento espacial; Percepção da comunidade anfitriã; Impactos Socioambientais.

ABSTRACT - This study focused on the perception of the residents of Ouro Preto, Minas Gerais, Brazil, about converting their home place into a tourist destination. The reference point was the Historical Center of Ouro Preto, which has 12 districts besides the city, and it was the place of several events that marked the Brazilian history, attracting the preference of tourists - domestic and international - who seek to know the history, culture and religiosity of Minas Gerais. The research methodology involved direct and random interviews, for convenience, and the application of 100 (hundred) questionnaires to residents in the neighborhood of Praça Tiradentes (Tiradentes Square), where the tourist attractions with higher flow visitation are located, such as Museu da Inconfidência) Conspiracy Museum, the (Museu do Oratório) Oratory Museum and the

* Graduanda em Turismo na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). Agente Administrativo na Diretoria de Áreas Protegidas e Projetos da Secretaria Municipal de Meio Ambiente, Ouro Preto, Minas Gerais. Endereço para correspondência: Rua Xavier da Veiga, 285 (ap. 101). CEP: 35400-000 – Ouro Preto – Minas Gerais (Brasil). Telefone: (31) 88375844. E-mail: sissamachadofernan@hotmail.com

** Graduação em Administração pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e em Turismo e em Psicologia pelo Centro Universitário Newton Paiva (CUNP); Especialização em Ecoturismo pela Universidade Federal de Lavras (UFLA); Mestrado em Turismo e Meio Ambiente pela Universidade de Ciências Gerenciais (UMA); Doutoranda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-MG). Professora da Universidade Federal de Ouro Preto, Minas Gerais (UFOP). Endereço para correspondência: Campus Morro do Cruzeiro, s. n. (Prédio dos Cursos de Turismo e Direito). CEP: 35400-000 - Ouro Preto – MG (Brasil). Telefone: (31) 3559-1447. Email: kerleysantos@yahoo.com.br

(Museu da Escola de Minas) Museum of the Minas Gerais School, aiming thereby to evaluate the tourism activities impacts from the perspective of residents and their level of acceptance to the presence of tourists. In the results, it was found that there is good acceptance of tourists by the locals, but it was verified the lack of a appropriate planning that promotes the development of measures that mitigate the negative impacts caused by the tourist visitation in 2012.

Key words: Tourism; Spatial planning; Perception of the host community; Social and Environmental Impacts.

1 INTRODUÇÃO

O turismo vem se consolidando como uma atividade da cultura contemporânea e se firmando como prática relevante na geração de receitas e empregos, diretos ou indiretos. A falta, a descontinuidade ou mesmo o insucesso de políticas públicas na implementação e gestão do turismo sobre bases sustentáveis, seja pela falta de recursos ou pela baixa qualificação dos gestores públicos, podem potencializar problemas decorrentes da mercadorização dos espaços destinados à visitação turística, tais como a descaracterização de comunidades anfitriãs em suas culturas ancestrais. Embora seja de interesse dos profissionais da área do turismo diagnosticar ameaças e riscos na relação do visitante e o meio ambiente turístico visitado, é preciso ainda considerar que qualquer espacialidade é rica de significados, assim como é rica e diferenciada a sua apropriação pelos diferentes atores sociais.

A espacialidade do turismo pode ser analisada a partir da combinação das lógicas de apropriação do espaço pelos seus diferenciados agentes sociais, sejam eles, *a priori*, residentes ou turistas¹. Para reforçar esta afirmação, Cruz (2006) coloca que o turismo é, antes de tudo, uma prática social, que envolve o deslocamento de pessoas pelo território e que tem no espaço geográfico seu principal objeto de consumo. Logo, a busca da compreensão e do ordenamento desses espaços do turismo deve incluir as variáveis oriundas da ação dos turistas, dos agentes do mercado, do poder público (nos seus diversos níveis), dos trabalhadores no setor (diretos e indiretos) e principalmente da comunidade receptora em geral, uma vez que o processo de turistificação, ou seja, a conversão dos espaços da destinação em atração turística, em geral implica a substituição da lógica da produção pela lógica do lazer. No que diz respeito à cidade turistificada, propõe-se a adoção do ponto de vista do planejamento, como o agregado de atrativos, infraestrutura urbana, serviços e equipamentos turísticos (hotéis, restaurantes, agências, dentre outros) que, agrupados, têm relevância turística. Esse

¹ Em 1963, a Conferência das Nações Unidas sobre o Turismo e as Viagens Internacionais determinou que turistas são os visitantes que permanecem pelo menos 24 horas no local visitado e cujos motivos da viagem podem ser agrupados em: lazer e negócios, razões familiares, missões, reuniões. (BENI, 2003, p. 35).

somatário é denominado produto turístico² e permite satisfazer necessidades, motivações e expectativas relacionadas com o tempo livre dos consumidores turísticos. Como local de bem viver, as cidades que primam por um turismo planejado devem atender as necessidades dos moradores e, posteriormente, as dos visitantes, como local de bem receber. A população local deve ser, portanto, a maior beneficiada com a expansão do turismo em seu espaço.

A imagem da cidade é formada não pela cidade em si, mas pela percepção de seus cidadãos (LYNCH, 1997). Com base nessa premissa, o que se almeja é que o planejamento da atividade turística promova a melhoria da qualidade de vida da população local, a conservação da cultura e do meio natural e a satisfação do turista. Desse modo, o que se busca é aperfeiçoar a ocupação espacial e beneficiar a imagem de um lugar como centro receptor de turistas e local de bem viver e bem receber, uma vez que o acolhimento dos moradores representa condição importante para o desenvolvimento turístico de um local; caso contrário, ele pode estar fadado ao fracasso. A falta de planejamento e a marginalização da população local podem vir a provocar impactos irreversíveis ao meio natural e aos anfitriões. Assim, a percepção dos moradores sobre o turismo é necessária para compreender como eles veem a atividade e como estão inseridos na mesma, bem como expressam opiniões sobre a atividade turística, os seus impactos e consequências. Este artigo objetiva identificar as percepções dos moradores da cidade de Ouro Preto, comunidade anfitriã, quanto à conversão da sua cidade em produto turístico. Para tanto, buscou-se responder às seguintes perguntas: Os moradores viam o turismo como uma possibilidade de desenvolvimento econômico ou como mais uma forma de exploração? Os mesmos se sentiam incluídos nas atividades turísticas da cidade? Conviviam amistosamente com os visitantes ou se sentiam como objetos do olhar estrangeiro? Possuíam o hábito de frequentar os atrativos turísticos? Aprovavam ou desaprovavam a utilização do seu espaço de moradia para a atividade turística?

² López Olivares (1998) identifica produto turístico a partir de uma série de atrativos (praias, clima agradável, paisagens...) e de um conjunto de serviços e equipamentos que permitam ao turista desfrutar de uma infraestrutura idônea. Acerenza (1993) explica que o termo produto turístico tem sua origem em meados dos anos 50 na Europa e o define como um conjunto de prestações, materiais e imateriais, que se oferecem com o propósito de satisfazer os desejos ou as expectativas do turista. É, na realidade, um produto composto que pode ser analisado em função dos componentes básicos que o integram: atrativos, facilidades e acesso.

Para responder esse conjunto de questões, foi aplicado em 2012 um total de 100 questionários junto aos moradores dos seguintes bairros da cidade de Ouro Preto: Veloso, Vila Aparecida, Morro Santana, Bauxita, Morro São Sebastião, Alto da Cruz, Cabeças, Alto das Dores, São Cristóvão e Padre Faria. Esses bairros foram selecionados devido às suas proximidades com a Praça Tiradentes, onde estão localizados os atrativos que apresentam maior fluxo de visitação na cidade devido à localização central e à proximidade entre eles, o que acaba influenciando o visitante na escolha dos mesmos no que tange à visitação. O tipo de amostra utilizada foi a “não probabilística por conveniência” (ou acidental), em que o elemento pesquisado é selecionado por estar disponível no local e no momento em que a pesquisa está sendo realizada (MATTAR, 1997). Nesse sentido, o questionário foi estruturado em questões fechadas e abertas com base nas seguintes variáveis: perfil dos moradores e percepção dos mesmos com relação aos impactos positivos e negativos causados pela atividade turística.

Os dados foram coletados através de aplicação de questionários respondidos pelos próprios entrevistados, os quais levaram em torno de 5 a 10 minutos para responder, em média. O questionário foi anônimo para que as pessoas tivessem liberdade de expressar suas percepções. Porém, antes de se analisar a opinião dos moradores com relação à conversão do seu local de morada em destino turístico, é preciso entender a cidade de Ouro Preto enquanto destino turístico, considerando que o turismo surge a partir do deslocamento de pessoas para vários destinos. São essas pessoas que, ao visitar uma localidade, desencadeiam os mecanismos de prestação de serviços e impactos que envolvem o turismo. Embora seja difícil diferenciar os impactos reais e potenciais do turismo – tendo em vista que os mesmos se manifestam em contextos sociais e culturais dinâmicos por si só – investigar a interação entre os turistas e a população local é fundamental para compreender a alteração nos estilos de vida e costumes locais das comunidades anfitriãs, tema este que será tratado no tópico a seguir.

2 IMPACTOS DO TURISMO

O debate sobre o turismo sustentável privilegia os impactos ambientais, relegando ao segundo plano os impactos socioculturais, em parte porque esses ocorrem

de forma mais lenta e discreta, sendo detectados ao longo do tempo. A falta de interação entre turistas e moradores pode ocasionar uma gradual exclusão social de uma comunidade, que acaba por não participar dos eventos que ocorrem na cidade onde residem e não ter acesso a lojas e restaurantes destinados aos turistas. Goodey (2002) afirma que a comunidade de um local, que em geral reluta em aceitar o visitante, ou que se ressentem com sua presença, oferece uma valiosa qualidade, que é a personalidade local, da qual o patrimônio cultural faz parte. Na visão do sociólogo Jost Krippendorf (1989), a integração dos visitantes com as comunidades dos locais visitados parte de uma boa intenção, mas não é realizável e, no fundo, também não é desejável. Para ele, o fosso cultural é muito grande para ser transposto no curto espaço de tempo das férias. Como esclarece Silveira (2001, p. 135):

Somente com a participação efetiva e democrática das comunidades locais, e também a execução do planejamento sustentável e da gestão territorial integrada, é que o turismo pode constituir-se numa valiosa ferramenta para ajudar no desenvolvimento regional e local.

Os espaços apropriados para o turismo revelam a organização de um território que deve ser visto e analisado “através de uma perspectiva integradora entre as diferentes dimensões sociais” (HAESBAERT, 2002, p. 17-38). O poder público, os agentes internos e externos de mercado, os trabalhadores diretos e indiretos e a população residente são considerados como principais agentes sociais envolvidos no turismo.

Os deslocamentos espaços-temporais dos turistas estabelecem um feixe de relações e de interações entre locais, firmas, instituições e indivíduos que pode ser representado pelo que Raffestin (1980) classifica como um sistema de malhas, nós e redes, ou pelo que Souza (1995) propõe como sendo um território descontínuo ou território-rede. Entretanto, os estudos, observações e ordenamentos atuais dos espaços apropriados pelo turismo tendem a considerar como objeto de sua atenção apenas os trechos do espaço onde o turismo se manifesta concretamente. Ou seja, apenas onde o turista é visível e atuante. Isto leva a considerar a necessidade de ampliação dos limites dos territórios-rede do turismo, com a inclusão das áreas periféricas responsáveis pelo fornecimento de insumos e, principalmente, de mão de obra para as empresas produtoras e fornecedoras de serviços turísticos. Uma das formas de ampliar tais limites

é a apropriação do espaço destinado ao turismo pela comunidade, incentivando a realização de programas que desenvolvam o sentimento de pertencimento e incluindo os mesmos no processo relacionado à gestão do atrativo.

Os estudos do turismo, assim considerados, procuram basear-se em uma linha humanista, a qual, encontrando fundamentos na Fenomenologia, valoriza as experiências do homem em seu meio ambiente e nos lugares visitados e, de modo especial, busca desenvolver a ideia do sentido de pertencer (XAVIER, 2004, p. 87).

Nesses termos, a percepção dos moradores sobre o turismo é necessária para compreender como eles se apropriam ou não da atividade. Para Tuan (1980), as pessoas percebem e avaliam o mundo de modos e formas variadas, dependendo de fatores tais como: idade, sexo, cultura e suas experiências anteriores relativas ao local. Esse autor traz ainda os conceitos de topofilia e topofobia: o primeiro traduz a afetividade entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico, enquanto o segundo significa o sentimento de aversão que as pessoas manifestam por determinados lugares.

A percepção das pessoas, sobre determinado assunto, é sempre carregada de uma visão própria de cada indivíduo, formada a partir de variáveis como meio social, história de vida, nível de escolaridade, religião, atividade econômica, entre outros. Consequentemente, cada indivíduo percebe o mundo qualitativa, efetiva e valorativamente, e é a partir dessa percepção que define seu modo de relação com a sociedade. (OLIVEIRA, 2006, p. 3).

Na atividade turística, a imagem percebida e avaliada pelos moradores e turistas representa indicadores no que tange a valorização positiva ou negativa que se tem diante da conversão dos espaços da destinação em produto turístico. Apesar das poucas pesquisas sistematizadas a esse respeito, o Decreto n°. 448/1992 dispõe sobre a política Nacional de Turismo, e regulamenta a Lei n.8.181/1991, o turismo tem por finalidade “seu equacionamento como fonte de renda nacional” (BRASIL, 1992, art.1º). Entre as diretrizes de planejamento está “reduzir as disparidades sociais, econômicas de ordem regional, através do crescimento da oferta de emprego e melhor distribuição de renda” (BRASIL, 1992, art. 3, inc. II). Logo, tem-se como premissa que o morador se beneficia economicamente com a presença dos turistas e que o mesmo encontra-se totalmente preparado e “de braços abertos” para recepcioná-los. Mas será que isso realmente ocorre? Será que os moradores estão interessados em ver o seu espaço de moradia

convertido em destino turístico? Como se dá essa relação? “Dar voz” aos sujeitos que são de certa forma, deixados de lado, no desenvolvimento da atividade turística é uma das formas de obter as respostas para essas questões.

A fim de responder as questões levantadas, comenta-se a seguir sobre os resultados da pesquisa de opinião realizada junto aos moradores de Ouro Preto a respeito da conversão do seu espaço de habitação em destino turístico.

3 OURO PRETO COMO DESTINAÇÃO TURÍSTICA

A cidade de Ouro Preto, Patrimônio Cultural da Humanidade reúne um dos conjuntos mais importantes do barroco brasileiro. Fundada em 24 de julho de 1698, pelo bandeirante Antônio Dias de Oliveira e pelo padre João de Faria Fialho, foi elevada à categoria de vila em 1711 com o nome de Vila Rica (VIVÊNCIAS BRASIL, 2006). Na mesma fonte ressaltam-se ainda os seguintes marcos teóricos: em 1720, a Coroa instituiu a Capitania de Minas Gerais – desmembrada da Capitania de São Paulo e Minas de Ouro – e a sua capital se estabeleceu na antiga Vila Rica. Em 1789, Vila Rica foi palco do movimento libertário que propunha a autonomia para a Colônia – a chamada Inconfidência Mineira. Em 1823, Vila Rica foi elevada à condição de cidade, com o título de Imperial Cidade de Ouro Preto, tornando-se capital do Estado de Minas Gerais com a chegada da República em 1889. Também que em 1897, a capital foi transferida para Belo Horizonte e, em 1933, a antiga capital de Minas foi considerada Patrimônio da Memória Nacional.

Em Ouro Preto, a ligação da identidade com o patrimônio tombado se dá, segundo Giovannini Júnior (2001), a partir de 1933, quando a cidade é colocada sob a guarda do recém-criado SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Devido, sobretudo, à mudança da capital para Belo Horizonte, a cidade ficou por muito tempo estagnada, e o tombamento foi uma forma de os moradores recriarem simbolicamente a cidade e devolverem o prestígio que ela merece, devido à sua importância no contexto nacional e de criação da identidade brasileira. É instituída Patrimônio da Memória Nacional a partir de 1933 e tombada pelo IPHAN em 1938.

Em 1980 é considerada Patrimônio Cultural da Humanidade, pela União das Nações Unidas – UNESCO. (CIDADES HISTÓRICAS BRASILEIRAS, 2009).

Dentre as medidas de conservação decorrentes do tombamento, destacam-se ainda as políticas para centros e bairros antigos, onde foram realizadas revitalizações e intervenções que muitas vezes se desvirtuaram da ideia principal, de revitalização e devolução à comunidade local, em função da tendência em se tornar *city marketing* (PELLEGRINI FILHO, 1993).

Ouro Preto pertence ao Circuito do Ouro e à Associação das Cidades Históricas de Minas e é marco central da Estrada Real (TURISMO CULTURAL ESTRADA REAL, 2006). O pertencimento ao patrimônio nacional possibilitou crescimento econômico ao município de Ouro Preto, pela via dos incentivos e investimentos na condição de destinação turística. Margarita Barretto (2000) situa a cidade de Ouro Preto como patrimônio histórico e artístico nacional e da humanidade, sendo um conjunto formado por inúmeros monumentos, tais como: museus, chafarizes, bens imóveis e, principalmente, esculturas e artifícios religiosos representando as tradições brasileiras da época colonial e do apogeu do ouro no Brasil.

Com a inclusão da cidade no Circuito do Ouro e na Associação das Cidades Históricas de Minas Gerais, Ouro Preto tornou-se preferência dos turistas – nacionais e internacionais – que buscam conhecer a história, a cultura e a religiosidade mineiras (VIVÊNCIAS BRASIL, 2006). Nesses termos, com maior fluxo de visitantes, as cidades históricas necessitam de planejamento de ações que visem a conservar seus patrimônios e, concomitantemente, controlar a demanda das atividades que ocorrem em seus espaços, além de prover formas para que a comunidade local esteja envolvida neste planejamento. Assim, a preparação de cidades detentoras de títulos de Patrimônio Cultural da Humanidade concedidos pela UNESCO – que, por consequência, são destinos turísticos importantes para receber grandes fluxos de visitantes – têm sido objeto de preocupação das organizações internacionais de Turismo.

Nota-se ainda a tendência dos governantes e gestores em se deter nos aspectos estruturais, muitas vezes deixando em segundo plano as sutilezas das relações cotidianas. Se há crescimento de políticas de preservação pelo poder público, o morador, por sua vez, deve ser estimulado a reconhecer a importância dos bens culturais, o que denota a necessidade de ampliar a noção de patrimônio. A despeito

disso, a atividade turística na cidade de Ouro Preto ainda se restringe, em parte, às áreas centrais, vindo, gradativamente, ocupando a região periférica imediata, que tem uma estrutura consolidada de valor histórico cultural. Ressalta-se ainda que a variável Patrimônio histórico e cultural foi incluída como quesito entre as variáveis de mínima prioridade para o município durante a atividade de priorização no documento Estudo de Competitividade de Ouro Preto (2012). Porém, cabe ressaltar que as práticas de intervenção urbana em cidades históricas podem alterar a paisagem urbana, degradar sítios históricos e transformar áreas de entretenimento urbano em áreas de consumo turístico.

Além das obrigações e compromissos dos gestores destes tipos de cidades para com as normas de tombamento e proteção de monumentos e conjuntos urbanos – impostos por legislações de proteção e que já determinam condutas especiais por parte da população – é consensual, em 2013, que a compreensão e adesão das comunidades que nelas residam à formação de uma consciência comum de preservação são essenciais. E esta consciência se formará e se consolidará na medida em que a exploração turística representar ganho econômico e melhoria real da vida local. A inexistência desta consciência tem levado a inúmeros conflitos entre as populações e os órgãos gestores do patrimônio cultural, permitindo desfigurações que empobrecem os conjuntos, tais como construções irregulares, os famosos “puxadinhos”, o que provoca o enfraquecimento de tais locais enquanto destinos turísticos, devido à descaracterização estética. Para que ocorra de fato a valorização e a preservação cultural, se fazem necessários alguns ajustes conexos com a atual realidade da sociedade e os avanços tecnológicos que possibilitam um maior acesso às localidades. O turismo se enquadra nessa amplitude, pois a atividade atua potencializando relações interpessoais entre culturas diferentes. Ao buscar uma relação entre patrimônio e turismo, Choay (2001) menciona ainda que o turismo cultural é a forma mais intensa do contato do povo com os monumentos históricos e com a democratização do saber, ideia advinda do tempo da Revolução Francesa. No entanto, o ideário revolucionário não é seguido à risca devido aos interesses econômicos que interferem de modo negativo no turismo cultural. Por esse motivo, esse tipo de turismo logo se torna massificado, se transformando em uma indústria que tem como finalidade apenas o consumo e não o aprendizado idealizado.

Sobre Ouro Preto cabe ainda salientar que a cidade possui 13 distritos (DADOS GEOGRÁFICOS, 2010) que também sediaram acontecimentos que marcaram a história brasileira. Na figura a seguir, constam os distritos de Ouro Preto e suas localizações.

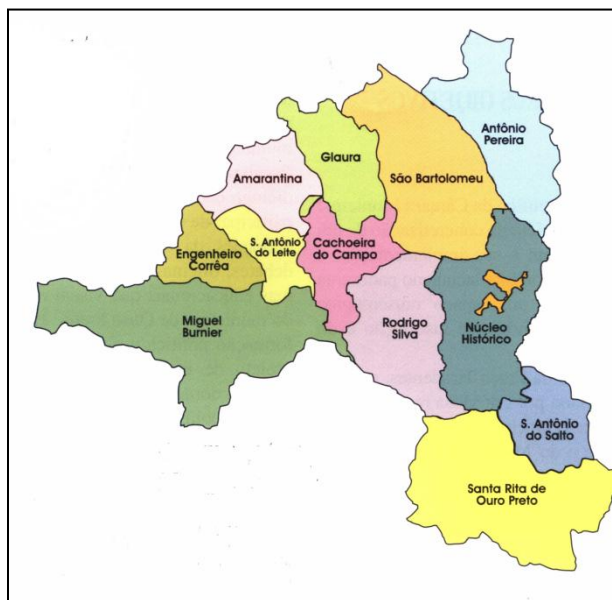


FIGURA 1 - DIVISÃO POLÍTICA - ADMINISTRATIVA EM DISTRITOS DO MUNICÍPIO DE OURO PRETO – MG.

Fonte: Prefeitura Municipal de Ouro Preto (2006).

Do ponto de vista político-administrativo, o Município de Ouro Preto é constituído por 13 (treze) Distritos (Figura 1), sendo a maioria de pequeno porte, com exceção do Distrito Sede e de Cachoeira do Campo, sendo eles: Distritos de Antônio Pereira, Lavras Novas, Rodrigo Silva, Santo Antônio do Salto, Santa Rita de Ouro Preto, Cachoeira do Campo, Amaranantina, Engenheiro Correia, Glaura, Miguel Burnier, Santo Antônio do Leite, São Bartolomeu e Distrito sede.

As cidades que possuem bens tombados podem se destacar no contexto cultural nacional em função do reconhecimento da importância de seus patrimônios e se beneficiar da promoção desses bens como produto turístico. Para isso, a preservação e a conservação devem fazer parte da política cultural dos municípios, seja ela pública ou privada. Logo, é necessário entender quem são os diferentes agentes sociais envolvidos no turismo de Ouro Preto e como os mesmos interagem. A seguir, serão apresentados os dados obtidos com a aplicação dos formulários acerca da opinião dos moradores sobre a conversão do seu local de morada em destino turístico.

4 OURO PRETO TURÍSTICA NA PERSPECTIVA DO MORADOR

De acordo com os dados obtidos por meio da pesquisa, foi possível conhecer a percepção dos moradores entrevistados sobre o turismo da cidade. Estes, em sua maioria, se configuraram como adeptos da religião Cristã Católica (85%), em sua grande maioria sendo de etnia parda (76%). O nível de escolaridade identificado correspondeu ao do ensino médio (40%) e ao do curso superior (22%). Dentre os que exerciam alguma função remunerada, verificou-se haver empregados em instituições públicas (33%), indústria (12%) ou profissionais liberais (7%), sendo os profissionais liberais com funções relacionadas principalmente ao comércio, hospitalidade e transporte. Ainda de acordo com a pesquisa, o jornal escrito (35%), o telejornal (22%) e a *internet* (23%) apareceram como os principais meios pelos quais se informavam das atividades e eventos que seriam realizados no município, sendo que o rádio, os *folders* e informações de parentes e amigos foram citados em proporção menor (20%).

Contradizendo a ideia defendida pelo Sociólogo Jost Krippendorf (1989), pode-se observar que os moradores manifestaram desejar integração com os visitantes. E, apesar de declararem não exercer, de forma regular e habitual, atividades financeiras relacionadas diretamente ao turismo, a maioria dos entrevistados demonstrou ver como benéfica a presença dos turistas na cidade (71%). Porém, uma parcela significativa (15%) informou nunca ter tido contato com algum turista e 14% manifestaram apatia e indiferença à presença dos visitantes, relatando que a presença dos turistas não fazia diferença para eles, o que demonstra que essa interação proposta nem sempre ocorre.

De maneira mais ampla, o que se observa é que a chegada dos turistas pressiona as autoridades locais, juntamente com a participação de outros segmentos atuantes da sociedade, a adotar medidas de planejamento urbanístico, como a abertura e manutenção de novas vias de trânsito, ampliação de redes de saneamento e melhorias em questões relacionadas à segurança pública.

O esperado pelos entrevistados é que as atividades turísticas lhes possibilitem ganhos extras e promovam investimentos, no sentido de qualificar o trabalhador para o segmento turístico na composição do emprego local. Porém, na prática isso nem sempre ocorre. Esse aspecto se confirmou com a resposta dos moradores entrevistados, sendo que as opiniões mais frequentes traduziram-se em expectativas econômicas.

Observou-se ainda, que a expectativa idealizada da proposta de turismo seria a de uma atividade que solucionaria os problemas mais básicos, como a falta de emprego. Essa percepção pode ser observada nas respostas dos moradores que manifestaram ver no turista uma possibilidade de obter ganho econômico, aumento na oferta de emprego para a comunidade. Dentre os moradores entrevistados, 55% informaram não ter exercido atividade remunerada relacionada ao turismo e 45% informaram já ter exercido. Essa oferta ocorrendo principalmente em restaurantes, em eventos esporádicos, como guias de turismo, na rede hoteleira e nas agências de turismo que oferecem oportunidade aos moradores de ocuparem posições no turismo local.

Outra questão relatada foi à valorização que o turismo acarreta. “É interessante ver a realidade do lugar onde eu vivo sendo mostrada na televisão”, relatou um entrevistado. Milone (1998, p. 514) ressalta que o desenvolvimento deve incluir outros indicadores, como “a diminuição dos níveis de pobreza, desemprego e desigualdade e, também, a melhoria nas condições de saúde, nutrição, educação, moradia e transporte”.

Quando questionados sobre os benefícios obtidos e as melhorias observadas na comunidade que pudessem estar relacionadas de alguma forma ao turismo, os entrevistados citaram ter notado melhorias na infraestrutura (calçamento das ruas, melhorias na iluminação pública, transporte regular, dentre outras), aumento de projetos educativos (como os de educação ambiental, cultural e patrimonial), e aumento na oferta de empregos, pois o turismo acaba por se tornar uma alternativa econômica para as comunidades locais, embora os mesmos tenham mencionado acreditar que a comunidade não foi e não estava sendo preparada adequadamente para receber os turistas e oferecer serviços de qualidade (22%). Isso remeteu à questão já mencionada da necessidade de preparar e incluir a comunidade local nas atividades turísticas de forma que a mesma possa competir igualmente, em termos de capacitação e qualidade técnica, se beneficiando assim de maneira mais efetiva da atividade turística e auxiliando na diminuição das disparidades sociais. Lembrando também que o planejamento é essencial para que a atividade turística possa atingir os objetivos, implícitos ou explícitos, do desenvolvimento de uma localidade. O desenvolvimento turístico, por ser uma atividade que envolve diversos setores e por causar relevantes impactos ambientais, sociais e econômicos, requer um planejamento considerável para ser bem sucedido e sustentável. No entanto, cabe ressaltar que o planejamento do

desenvolvimento desta atividade exige a cooperação e coordenação entre os setores públicos e privados.

Quanto aos problemas relacionados ao Turismo, foi possível observar certa irritação dos moradores com relação a determinadas atitudes dos visitantes. Foram relatadas reclamações acerca da depredação do patrimônio e também da abordagem hostil dos guias de turismo locais. No que diz respeito à poluição, o turismo no município de Ouro Preto na concepção dos entrevistados exerce impacto sobre o ambiente por ser um grande consumidor de eletricidade, alimentos, gerando significativa quantidade de lixo, dentre outros poluentes, que muitas vezes é descartado irregularmente nas ruas, em especial, nas datas comemorativas (8%). O turismo, inevitavelmente, produz resíduos sólidos e efluentes orgânicos, esgotos, e a má disposição dos mesmos é um sério problema para a comunidade anfitriã. A piora nos serviços urbanos em datas de grande fluxo de visitação – como as deficiências nos sistemas de saneamento, escassez e poluição da água, superlotação nas vias públicas e no sistema hoteleiro –, que aponta para uma superestrutura turística insuficiente para atender o aumento da visitação decorrente da sazonalidade turística, foi mencionada como motivo de insatisfação pelos moradores. A falta de preparo da população para competir e exercer atividades relacionadas ao turismo também foi citada por uma parcela considerável dos entrevistados (22%).

A depredação do patrimônio e a substituição da arquitetura original por outras exóticas, dotadas de maior resistência, a fim de atender à atividade turística, provoca poluição estética e descaracterização cultural local, causando preocupação em 10% dos entrevistados.

Portanto, com base nos dados acima mencionados, pode-se afirmar que as atividades vinculadas ao turismo estavam ocorrendo de forma um tanto quanto agressiva, pois os moradores não estavam preparados para recebê-las. Os moradores demonstraram ter consciência de que é necessário estudar para se inserir no mercado de trabalho do setor de turismo, mas que não ter esta oportunidade gerava sentimento de frustração e apatia nos mesmos. A falta de preparo profissional dos moradores pode acarretar problemas, tais como a atração de mão de obra qualificada proveniente de outras localidades para trabalhar nos empreendimentos turísticos que apresentam maior lucratividade e a utilização da mão de obra da comunidade local, que apresenta

eventualmente menor qualificação, para trabalhar na construção desses empreendimentos, podendo acarretar aumento de problemas sociais tais como tráfico de drogas, prostituição, violência. Os moradores mencionaram ainda necessitar de amparo do poder público em atuar como mediador e agente no que tange sanar a necessidade de capacitação da população local.

O desrespeito às leis de trânsito, os preços altos cobrados pelos taxistas, o barulho, os congestionamentos, a ausência de estacionamentos adequados suficientes para atender a demanda obtiveram o maior índice de reclamações por parte dos entrevistados (60%). É preciso ainda ressaltar que a poluição sonora decorrente do trânsito e das festividades são geradores de *estresse* e aborrecimentos nos moradores. Porém, em sua maioria, os moradores entrevistados manifestaram gostar dos turistas, mas percebeu-se haver um conflito sutil gerado pela competição por espaço na cidade.

Em relação à opinião dos entrevistados no sentido de investigar se em algum momento a própria presença do visitante, especialmente se tratando de datas comemorativas, as quais atraem o maior número dos mesmos, os incomodava, a grande maioria dos entrevistados (89%) declarou que, exceto pelo trânsito, a presença dos turistas geralmente não alterava a rotina diária dos mesmos, ao lado dos que se queixaram incomodados com a presença dos visitantes (9%), e 2% não quiseram ou não souberam responder.

Quando questionados sobre o que, na opinião deles, motivava o turista a visitar Ouro Preto, foi possível notar que os entrevistados não demonstraram estar alheios aos anseios dos visitantes, mencionando que, de maneira geral, o conjunto arquitetônico, a cultura local, e as festas são os maiores atrativos de Ouro Preto. Um fato, porém, que chamou a atenção nos resultados da pesquisa foi o da inclusão das belezas naturais nessa gama de atrativos mencionados. Os moradores afirmaram ter observado um aumento na demanda de turistas interessados em características e belezas cênicas das paisagens naturais da região.

Ao serem questionados sobre a periodicidade com que os mesmos frequentavam os atrativos turísticos, a maior parte dos entrevistados (35%) informou que os frequentavam mais de cinco vezes ao ano, 28% informaram frequentar entre 2 e 4 vezes ao ano, 28% disseram pelo menos uma vez ao ano e 9% informaram nunca ter visitado nenhum dos atrativos. Tais resultados demonstraram que o morador não deixou de

frequentar os espaços destinados à visitação turística. Isso pode ser justificado pela grande parcela da população que professa a religião Cristã Católica, e que participa regularmente de eventos, missas e atividades religiosas realizadas nas igrejas, consideradas de grande importância para o turismo em Ouro Preto. Cabe considerar que a Organização Mundial do Turismo – OMT (2003) considera como sustentável e seguro o turismo que possui o entorno humano e institucional envolvendo aspectos físicos e ambientais capazes de influenciar diretamente as condições de saúde, a qualidade de vida e a segurança das pessoas e comunidades. Isso inclui observar as relações intersociais e o uso que se faz do espaço que as envolve.

Foi feita aos moradores a seguinte pergunta: Se você pudesse elaborar um passeio com os turistas, onde os levaria? Obteve-se como resposta a sugestão de indicar os distritos de Ouro Preto, dentre os quais se destacaram: Lavras Novas, São Bartolomeu, Glaura, Amarantina e Cachoeira do Campo.

Para maior esclarecimento sobre tais distritos, segue uma relação distritos mencionados pelos entrevistados.

5 ATRATIVOS TURISTICOS COMPLEMENTARES INDICADOS PELOS MORADORES.

Cinco, entre os treze distritos, pertencentes à cidade de Ouro Preto, e os bairros periféricos do distrito sede, foram citados pelos entrevistados como sendo relevantes para o desenvolvimento da atividade turística na cidade. A seguir tem-se a relação de tais distritos mencionados pelos entrevistados e uma breve descrição sobre eles:

Lavras Novas é o mais novo Distrito de Ouro Preto. Localizado a 19 quilômetros da Sede do Município, dos quais sete quilômetros são percorridos em estrada de terra, possui uma população de 796 habitantes (IBGE, 2006). Situa-se na sua porção sul, no alto da Serra do Espinhaço. Tem altitude máxima de 1.300 metros, no alto da Serra do Trovão, e altitude mínima de 1.200 metros, nas margens da Represa do Custódio (TCA, 2007). No distrito de Lavras Novas, além do patrimônio histórico, sua potencialidade natural é bastante expressiva: cachoeiras, trilhas e locais para prática de rapel e

cavalgadas. Assim, este destino está em ascensão desde 1995, atraindo um público diversificado, sobretudo, o jovem (TCA, 2007).

São Bartolomeu é um distrito barroco setecentista. A Matriz de São Bartolomeu, a Igreja de Nossa Senhora das Mercês e o Casario do Centro despertam o interesse do turista. É cortado pelo rio das Velhas e possui cachoeiras, como a de São Bartolomeu e a do Macaco Doido (localizada na Fazenda Macaco Doido) (TCA, 2007). São Bartolomeu tem como destaque a produção de doces caseiros e as Festas de São Bartolomeu e do Divino Espírito Santo, realizada em agosto, que revive histórias do ciclo do ouro. O Distrito encontra-se localizado a 15 quilômetros da Sede. (TCA, 2007).

O Distrito de Glaura, antiga Freguesia Santo Antônio da Casa Branca do Ouro Preto, é um dos mais antigos, tendo sido ponto de passagem dos bandeirantes (TCA, 2007). Possui uma população de 1.328 habitantes (IBGE, 2006). Foi um dos palcos da Guerra dos Emboabas. A Matriz de Santo Antônio das Garças Brancas se impõe na paisagem do pequeno Distrito. Imagens da referida matriz estão sendo estudadas e restauradas, revelando sua importância histórica (TCA, 2007). Ainda de acordo com a fonte, a produção de doces e frutas é tradicional. Situa-se há aproximadamente 26 km da Sede do Município. Os subdistritos de Glaura são: Soares (5 km), Rio das Velhas (4 km), Engenho D'água (7km), Vale do Tropeiro (7 km), Ana de Sá (8 km) e Bandeirinha (3km) (TCA, 2007).

O Distrito de Amarantina situa-se na Rodovia dos Inconfidentes, entre a Sede do Município (23 Km) e Belo Horizonte (67 Km) (TCA, 2007). O número de habitantes desse distrito é 3.026. (IBGE, 2006). Um dos principais atrativos de Amarantina é o Museu das Reduções, onde réplicas em miniatura de grandes construções históricas, representando quatrocentos anos de arquitetura brasileira, são expostas com detalhes importantes, seguindo fielmente as escalas reais (TCA, 2007). Ainda de acordo com a mesma fonte, destacam-se a Matriz de São Gonçalo e a Casa de Pedra (Séc. XVIII), além da tradicional Festa das Cavalhadas, realizada em setembro.

Com uma população em torno de 7.928 habitantes, Cachoeira do Campo situa-se à Rodovia dos Inconfidentes, distante 18 quilômetros da Sede e 72 quilômetros de Belo Horizonte (IBGE, 2006). Nesta localidade ocorreu o episódio mais sangrento da Guerra dos Emboabas, em 1708, no local conhecido atualmente como Oratório Festivo (TCA, 2007). Ainda de acordo com a fonte, a cidade é detentora de construções históricas

importantes como a Igreja matriz de Nossa Senhora de Nazaré (entre 1726 e 1752), símbolo da riqueza e do fausto daquela época e o Palácio de Campo dos Governadores.

Os moradores também mencionaram incluir os Morros (bairros do entorno) em roteiros turísticos, pois, de acordo com os mesmos, a vista panorâmica da cidade e a cultura da comunidade do entorno deveriam ser mais valorizadas. Notou-se que, embora morando próximos à Praça Tiradentes, os moradores não consideraram seus bairros contemplados e valorizados pela atividade turística e por isso demonstraram sentir falta desse reconhecimento.

Quanto ao aspecto psicológico, deve-se considerar a valorização da cultura das comunidades receptoras. Considerou-se poder afirmar que a autoestima dos membros dessa comunidade de Ouro Preto é elevada, com o reconhecimento do seu local de morada, de sua singularidade e o valor de sua cultura e de suas tradições. Isto remeteu à questão da possibilidade de considerar a ampliação dos limites dos territórios-rede do turismo, com a inclusão de outras áreas, distritos, bairros do entorno, responsáveis pelo fornecimento de produtos artesanais e mão de obra para as empresas produtoras e fornecedoras de serviços turísticos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se procurar compreender fatores que envolvem a conversão do lugar de morada das pessoas em destino turístico, buscou-se dar voz ao maior envolvido, o próprio morador da cidade de Ouro Preto. Analisando os resultados obtidos por meio da aplicação de questionários junto aos mesmos, identificou-se que a atividade turística que movimenta a cidade, de modo geral, foi vista com aprovação por todos os entrevistados, que demonstraram reconhecer os benefícios gerados por ela, como o incremento da infraestrutura local e a geração direta de empregos e renda.

Os moradores entrevistados revelaram expectativas em relação à atividade turística. Para eles, a atividade turística representava geração de benefícios, sendo que em primeiro lugar estariam os econômicos e os de trabalho, mas não seriam restritos nesse âmbito, pois incluiriam ainda aspectos sociais e culturais. Entre o almejado pelos moradores, os mesmos apontaram a expectativa de que a atividade turística seja

permeada de ações transformadoras, abrangendo a educação profissionalizante e sugeriram a descentralização da circulação turística da sede de Ouro Preto para os seus distritos e bairros periféricos. Todavia, nota-se que tais sugestões encontram-se baseadas na possibilidade de mudanças na comunidade por intermédio do turismo, tais como abertura e manutenção de novas vias de trânsito, criação de agências de turismo, lojas de artesanato, oficinas culturais, restaurantes e hotéis e a contratação de pessoas da localidade para trabalhar nestes empreendimentos, assim como na gestão e manutenção dos demais atrativos.

Ao vislumbrarem a possibilidade de incluir seu local de morada em roteiros turísticos, os moradores, de um modo geral, consideraram isso como sinônimo de múltiplas oportunidades. A proposta feita pelos moradores demonstrou o anseio dos mesmos para que tal inclusão também promovesse oportunidades de trabalho, aumento de renda e benefícios sociais aos demais moradores do entorno. Pode-se considerar que tal sugestão está atrelada à ideia de que, com a implementação do turismo, haveria melhoria da infraestrutura urbana, além de incorporar um novo sentido à área. Com base nesses pressupostos, os entrevistados argumentam ao poder público que, a partir das melhorias sociais e econômicas, estar-se-ia estimulando o desenvolvimento social.

Logo, tendo como base as respostas dos moradores, considera-se que o planejamento turístico precisa ser realizado de forma mais eficiente para a descentralização e manutenção da atividade turística em Ouro Preto. Há que se ter, por parte da Prefeitura Municipal, maior preocupação com fatores antes persistentes na rotina dos moradores, como aglomerações de pessoas, aumento da poluição, congestionamento no trânsito. Estes impactos provocados pela atividade turística devem ser monitorados e resolvidos, priorizando o morador e a comunidade anfitriã.

7 REFERÊNCIAS

ACERENZA, M. A. **Promoción Turística**: Um enfoque metodológico. México: Trillas, 1993.

BENI, M. C. **Análise Estrutural do Turismo**. 8. ed. São Paulo: Editora SENAC, 2003.

GIOVANNINI JR., O. “Cidade presépio em tempos de paixão”. Turismo e religião: tensão, negociação e inversão na cidade histórica de Tiradentes. In: BANDUCCI JR., Á.; BARRETTO, M. **Turismo e identidade local: uma visão antropológica**. Campinas: Papyrus, 2001. p. 149-174.

BRASIL. **Decreto Federal n. 448, de 14/02/92**. Regulamentação da Lei Federal 8.181 – Política Nacional de Turismo. Brasília, Senado Federal, 1992.

CASTRIOTA, L. B. **Patrimônio Cultural: conceitos, políticas, instrumentos**. São Paulo: Annablume; Belo Horizonte: IEDS, 2009.

CHOAY, F. **Alegoria do patrimônio**. São Paulo: UNESP/Estação Liberdade, 2001. Copa 2014. Disponível em: <<http://www.copa2014.org.br/noticias/2388/BAHIA+PREPARA+DUPLICACAO+DA+CAPACIDADE+HOTELEIRA.html>>. Acesso em: 10/06/2010.

CIDADES HISTÓRICAS BRASILEIRAS. **Ouro Preto: História**. Disponível em: <http://www.cidadeshistoricas.art.br/ouropreto/op_his_p.php>. Acesso em: 30/06/2009.

CRUZ, R. de C. A. da. **Planejamento governamental do turismo: convergências e contradições na produção da espaço**. In: LEMOS, A. I. G. de; ARROYO, M.; SILVEIRA, M. L. (Orgs.) **América latina: cidade, campo e turismo**. São Paulo. Clacso, 2006.

_____. **Geografia do turismo: de lugares a pseudo-lugares**. São Paulo: Rocca, 2007.

DADOS GEOGRAFICOS, 2010. Disponível em: <<http://www.ouropreto.mg.gov.br/portaldoturismo/index/index.php?pag=9&&id=13>>. Acesso em: 12/03/2013.

ESTUDO DE COMPETITIVIDADE DE OURO PRETO: 2012. Disponível em: <<http://www.ouropreto.mg.gov.br/portaldoturismo/upload/arquivos/2012-09-04-e1c1d668f6.pdf>>. Acesso em: 05/04/2013.

GOODEY, B. Turismo cultural: novos viajantes, novas descobertas. In: MURTA, S. M; ALBANO, C. (Orgs.). **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

HAESBAERT, R. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: _____. (Org.). **Território territórios**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2002, p. 17-38.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 2006. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 04/05/2013

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo - para uma nova compreensão do lazer e das viagens**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

- LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- LÓPEZ, OLIVARES D. Características del Desarrollo Turístico Castellonense y el Proceso Metodológico en la Planificación de sus Espacios Turísticos. / Diego López Olivares. **Revista Valenciana D'Éstudis Autonomics**, n. 22 - Primer trimestre, 1998.
- MATTAR, F. N. **Pesquisa de Marketing**: metodologia, planejamento, execução, análise. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1997. 336 p.
- MILONE, P. C. Crescimento e desenvolvimento econômico: Teorias e evidências empíricas. In: PINHO, D. B.; VASCONCELOS, M. H. S. (Orgs.) **Manual de economia**. 3. Ed. São Paulo: Saraiva, 1998.
- OLIVEIRA, E. S. 2006. **Percepção dos autóctones em relação à economia, meio ambiente e ao turismo em Ilhéus – BA**. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL - SEMINTUR, 4., Caxias do Sul, RS. **Anais...**, GT 10. Caxias do Sul, RS: Universidade Caixas do Sul, CD-ROM.
- OMT. Organização Mundial do Turismo. **Guia de desenvolvimento do turismo sustentável**. Porto Alegre: Bookman, 2003.
- PELLEGRINI FILHO, A. **Ecologia, Cultura e Turismo**. Campinas, SP: Papyrus, 1993.
- PMOP. PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO, 2006.
Disponível em: <<http://www.ouropreto-ourtownorld.jor.br/mapa%20munOP.jpg>>.
Acesso em: 04/05/2013.
- RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993. (tradução da edição francesa, 1980).
- SILVEIRA, M. A. T. Política de turismo: oportunidades ao desenvolvimento local. In: RODRIGUES, A. B. (Org). **Turismo rural**. São Paulo: ed. Contexto, 2001.
- SOUZA, M. J. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: **Geografia: conceitos e temas**; CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. C. da. (Orgs.) Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 77-116.
- TCA – Tecnologia em Controle Ambiental Ltda. **Plano de Gerenciamento Integrado de Resíduos Sólidos Urbanos Ouro Preto – MG**. 2007, p. 67-122.
- TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. São Paulo: Difusão Editorial, 1980.
- TURISMO CULTURAL ESTRADA REAL, 2006. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/programas_acoes/regionalizacao_turismo/downloads_regionalizacao/cadsubsidios_ESTRADA_REAL.pdf>.
Acesso em: 05/01/2013.

UNESCO. **Patrimônio Mundial**. Disponível em:

<www.brasilia.unesco.org/areas/cultura/areastematicas/patrimoniomundial>.

Acesso em: 25/06/ 2009.

VIVÊNCIAS BRASIL, 2006. Disponível em:

<http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/programas_acoes/qualificacao_equipamentos/galeria_qualificacoes_equipamentos/Relatorio_Rio_Janeiro.pdf>.

Acesso em: 05/01/2013.

XAVIER, H. Em busca das bases fenomenológicas do turismo: proposta de um modelo para o desenvolvimento da comunidade (uma abordagem geográfica). **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, v. 14, n. 22, p. 86-98, jun. 2004.

Recebido em: 05-02-2013 (primeira versão).

Recebido em: 09-04-2013 (segunda versão).

Aceito para publicação em: 09-05-2013.